

O proto-indoeuropeu (PIE): breve introducçon

Domingos Prieto Alonso
Galiza

January 11, 2010

Contents

1	Introducçon	2
2	Dados históricos e geográficos	2
2.1	Epoca aproximada de nascimento	2
2.2	Berce hipotético	3
2.3	Estudos	3
2.4	Método	4
3	Fonologia	4
3.1	Vogais	4
3.2	Consoantes	4
4	Morfologia	5
4.1	A raiz	5
4.2	O sistema ablaut	5
4.3	O nome	5
4.4	O pronome	6
4.5	O verbo	6
5	Línguas indoeuropeias	7
5.1	Línguas anatólias	7
5.2	Línguas helénicas	7
5.2.1	O grego	7
5.2.2	O macedónio	7
5.3	Línguas indo-iranianas	7
5.3.1	Iraniano	7
5.3.2	Indo-ariano	8
5.3.3	Línguas nuristanas	8
5.4	Línguas itálicas	8
5.5	Línguas celtas	8
5.6	Línguas germánicas	8
5.6.1	Línguas germánicas orientais	8

5.6.2	Línguas germánicas occidentais	9
5.6.3	Línguas germánicas septentrionais	9
5.7	Línguas arménias	9
5.8	Línguas tocarianas	9
5.9	Línguas balto-eslavas	9
5.9.1	Línguas eslavas	9
5.9.2	Línguas bálticas	9
5.10	Albanês	10
5.11	Outras línguas	10
5.11.1	Línguas extintas	10
5.11.2	O galaico	10
5.11.3	Outras línguas atlánticas	11
6	Concluson	11

Abstract

Esta curta introducçon contén apenas alguns traços histórico-geográficos do proto-indoeuropeu, breves notas sobre a sua fonología e morfología, umha lista abreviada das línguas indo-europeias e uma pequena bibliografía . . .

1 Introducçon

O Proto-indo-europeu é a língua reconstruída (non atestada) e presumivelmente falada polos primeiros indo-europeus, aceite como hipótese de trabalho desde há mais de un século, de que derivan as línguas indo-europeas.

2 Dados históricos e geográficos

Sobre a época aproximada e o lugar de nascimento do proto-indo-europeu existen diversas hipóteses ou teorias entre as quais, as mais conhecidas son a *Kurgan hypothesis*, *Anatolian hypothesis* e *Armenian hypothesis*. A primeira postula que o proto-indo-europeu seria falado polos povos das culturas das estepas pónticas mentras que a segunda atribui esta primacia ao povo anatólio e a última ao povo arménio. Mas também existen hipóteses europeias, fundamentalmente baseadas en dados linguísticos, que reivindicam o berce do PIE para Europa, nomeadamente a *hipótese germánica* que, embora fosse só pola grande importância das línguas deste grupo assin quanto polos estudos de que foron objecto, merece o nosso maior interesse.

2.1 Epoca aproximada de nascimento

Embora os primeiros textos atestados das línguas indo-europeas apenas datan do s. XIX ac, a apariçon do proto-indo-europeu poderia situar-se, segundus as diversas hipóteses, entre o VII e o III milénio ac, con a provável manifestaçon dos primeiros dialectos no III milénio.

2.2 Berce hipotético

Marija Gimbutas (Gimbutas (1963)), apoiando-se em resultados de escavações soviéticas que analisa inteligentemente, mostrou que uma civilização, baptizada aqui com o nome de Kurgan, possuía as principais características que se consideram as próprias dos indo-europeus. Ocupando desde os inícios do IV milénio um vasto território que incluía, desde a bacia do Nieper, o baixo vale de Volga e as estepas do Kazakhstan, este povo continua ao longo do IV e III milénios a sua expansão, por uma parte cara os Balcãs e por outra cara a Anatólia e o Irán passando pelo Cáucaso. Por volta de 2300 ac os kurgans poderiam ter causado destruições na Grécia (Lerne), em Anatólia (Troia?) e mesmo em Síria e Palestina. E antes de 2000 ac já se teriam disseminado pela maior parte da Europa central e septentrional, atingindo as Ilhas Británicas, o sul de Escandinávia e o sul de Finlândia. Os dados arqueológicos também provam que os kurgans possuíam importantes rebanhos de cavalos, que a partir dos inícios do III milénio utilizavam veículos de rodas, que possuíam, por um lado cidades fortificadas, espécie de castros ou cidades construídos em alturas provavelmente habitadas pela classe guerreira, e por outra aldeias de habitações modestas, espécie de cabanas ou choupanas parcialmente subterrâneas, provavelmente habitadas por pastores e outros trabalhadores que talvez estavam obrigados a nutrir a classe guerreira. Porém não podemos saber se os kurgans foi a única civilização dos proto-indoeuropeus ou apenas uma delas. Tampouco podemos saber se foi a primeira nem a mais importante pelo que todas as hipóteses sobre o berce do PIE ficam abertas enquanto não se demonstrar o contrário.

2.3 Estudos

Sir William Jones foi um dos pioneiros dos estudos do proto-indo-europeu, observando primeiro similitudes entre o sânscrito, o grego e o latim, e sugerindo posteriormente em *The Sanscrit Language* (1786) que estas três línguas têm uma raiz comum e que, além disso, parecem relacionar-se, por seu turno, com o gótico, com o céltico e com o persa, exprimido formosamente no trecho tan citado seguinte:

The Sanscrit language, whatever be its antiquity, is of a wonderful structure; more perfect than the Greek, more copious than the Latin, and more exquisitely refined than either, yet bearing to both of them a stronger affinity, both in the roots of verbs and the forms of grammar, than could possibly have been produced by accident; so strong indeed, that no philologist could examine them all three, without believing them to have sprung from some common source, which, perhaps, no longer exists; there is a similar reason, though not quite so forcible, for supposing that both the Gothic and the Celtic, though blended with a very different idiom, had the same origin with the Sanscrit; and the old Persian might be added to the same family.

Mas é da mão da Gramática Comparada que saíram os primeiros estudos sistemáticos do proto-indo-europeu. Depois do trabalho de 1816 de Franz Bopp, o fundador da Gramática Comparada do indo-europeu, em que se incluem comparações dos sistemas de conjugação do sânscrito, do grego, do latim, do persa e do gótico, aparecem novos estudos que já podem ser considerados clássicos e que vão da *Comparative Grammar* (1833) (baseada, além das línguas do estudo anterior, no lituano, no eslavo e no alemão) do mesmo autor até o *Compendium* (1861) de August Schleicher (em que se

comparan o sânscrito, o avéstico, o grego e o itálico (latin, osco e úmbrio)) e o *Grundriss* (1880) de Karl Brugmann (Brugmann (1916)) en que se inclúen dados do persa das inscripcóns aquemênidas, así como do albanês. Novas aportacións do mesmo Brugmann e a teoría laríngea de Ferdinand de Saussure (Saussure (1878)) já constitúen os preámbulos dos estudos contemporáneos do proto-indo-europeu os quais, entre outras cousas, desonvolverían especialmente a teoría laríngea e incorporarian as ramas anatólicas e tocarianas. Das aportacións de todas estas xeracións de lingüistas convén tamén sinalar os traballos dos franceses Meillet (Meillet (1912)), Vendreys (Meillet (1924)), Benveniste (Benveniste (1935)), etc., o dicionário de Pokorny (Pokorny (1959)), etc.

2.4 Método

O método seguido para reconstruír os sons, os vocábulos e outros traços do Proto-indo-europeu (PIE) é o *método comparativo* e de *reconstrucçón interna* das línguas indoeuropeas coñecidas. Un asterisco é usado para indicar que se trata de elementos reconstruídos, a partir dos quais poderán en incípio derivar, seguindo leis de evolución fonética tais como as leis de Grimm e de Verner para o germánico, diferentes elementos das línguas indo-europeas atestadas. Outras leis coñecidas de evolución fonética son a queda do *p prevocálico no céltico, a reduccón a h do *s prevocálico no grego, as leis de Brugmann e de Bartholomae no indo-irano, as leis de Grassmann no grego e no indo-irano, e as leis de Werner e de Hirts no balto-eslavo.

3 Fonología

3.1 Vogais

O sistema vocálico do PIE presenta apenas dúas ou três vogais curtas, dúas ou três vogais longas, varios diptongos e alófonos vocálicos:

Vogais curtas: *e, *a (?), *o

Vogais longas: *ē, *ā (?), *ō

Diptongos: *ei, *eu, *oi, *ou (*ai, *au), *ēi, *ēu, *ōi, *ōu (*āi, *āu)

Alófonos vocálicos (laríngeos, nasais, líquidos e semi-vocálicos): *h₁, *h₂, *h₃, *m̥, *n̥, *l̥, *r̥, *i̯, *u̯.

3.2 Consoantes

O sistema consoántico do PIE inclúe 2 nasais, dúas líquidas, de catro e seis plosivas surdas, de catro a seis plosivas sonoras, de catro a seis plosivas aspiradas, três fricativas (incluídas dúas laríngeas) e dúas semi-vogais

—	lab	coron	dors	laring
nas.	*m	*n	—	—
plos. surd.	*p	*t	*k̑, k, *k ^w	—
plos. son.	*b	*d	*g̑, g, *g ^w	—
asp.	*b ^h	*d ^h	*g ^h , *g ^h , *g ^{hw}	—
fric.	—	*s	—	*h ₁ , *h ₂ , *h ₃
líqu	—	*r, *l	—	—
semivog.	—	—	*y, *w	—

Table 1: Consoantes.

4 Morfologia

4.1 A raiz

O PIE era uma língua dotada de um rico sistema flexivo. À raiz, o morfema básico, responsável do significado léxico, adensa-se os sufixos para obtermos temas e a estes as desinências para obtermos vocábulos ou palavras. Por outra parte, a raiz do PIE é predominantemente monosilábica, apresentando a forma CVC(C).

4.2 O sistema ablaut

O fenómeno da alternância *o / *e / Ø no interior da mesma raiz, própria do PIE, denomina-se ablaut, também conhecido como grau-o ou grau-e (grau pleno), grau Ø (grau-zero) e grau alongado (*e ou *o), fenómeno que também se manifesta nas línguas indoeuropeas, em que pode chegar a reflectir categorias gramaticais. Esta forma de variação vocálica pode obedecer a cambios provocados por sons adjacentes e/ou pola posição do acento na palavra. Exemplos de ablaut nas línguas indoeuropeas son as alternâncias inglesas *sing, sang, sung*. Os afixos flexionais do indo-europeu poderian ser o reflexo de variantes ablaut, normalmente grau-zero, de anteriores raízes PIE. Assim o latín *est, sunt* poderia reflectir *h₁és-ti, *h₁s-ónti do PIE, provocado polo deslocamento do acento da raiz para os afixos.

4.3 O nome

O nome declina-se en oito ou nove casos (nominativo, acusativo, genitivo, dativo, instrumental, ablativo, locativo, vocativo e quizá directivo ou alativo) e apresenta três gêneros (masculino, femenino e neutro). Por outra parte, distingue-se entre formas (temas) temáticas e atemáticas, as primeiras sendo formadas con o suf. *-o- (en voc. *-e) sen se submeter ao sistema ablaut enquanto que as segundas, mais arcaicas, son clasificadas segundo a sua conducta con respecto ao sistema ablaut depois da posición do primitivo acento (dinámico) no paradigma (acro-dinámico, protero-dinámico, hystero-dinámico e holo-dinámico).

4.4 O pronome

O PIE possuía pronomens pessoais para a primeira e segunda pessoas mas non para a terceira pessoa para a qual se usavan demostrativos. Por outra parte, o o pronome pessoal possuía as suas próprias formas e terminações e alguns possuían mesmo dous temas distintos (reflectidos en várias línguas indoeuropeias como é o caso do inglês *I* e *me*. Também possuiria, segundo alguns autores, alén do nominativo e o acusativo, vários outros casos (dativo, genitivo, instrumental, ablativo e locativo) assin quanto formas acentuadas e clíticas:

	1 ^a pers sing	1 ^a pers pl	2 ^a pers sing	2 ^a pers pl
Nominat.	*h ₁ eg(oH/Hom)	*wei	*tuH	*yuH
Acusat.	*h ₁ mé, *h ₁ me	*nsme, *no:s	*twé	*usmé, *wos
Genit.	*h ₁ méne, *h ₁ moi	*ns(er)o-, *nlos	*tewe, *toi	*yus(er)o-, *wos
Dat.	*h ₁ méghio, *h ₁ moi	*nsmei, *ns	*tébhio, *toi	*usmei
Instrum.	*h ₁ moi	– ? –	*toi	– ? –
Ablat.	*h ₁ med	*nsmed	*tued	*usmed
Locat.	*h ₁ moi	*nsmi	*toí	*usmi

Table 2: Pronome pessoal do PIE (Beekes).

Segundo Beeks (1995), os demostrativos presentarían un sistema con apenas dous pronomes: *so / *seh₂ / *tod, *h₁e / *(h₁)ih₂ / *(h₁). Este mesmo autor postula aínda três partículas adverbiais: *ki 'here', *h₂en 'there', *h₂eu 'away, again'.

4.5 O verbo

O verbo do PIE, complexo e submetido ao sistema ablaut, amosa quatro ou cinco modos (indicativo, subjuntivo, imperativo, optativo e quizá injuntivo), dúas voces (activa e mediopassiva), três persoas (primeira, segunda e terceira) e três números (singular, plural e dual), e conjuga-se como mínimo en três tempos (presente, aoristo e perfeito). Também puderon existir formas de pretérito imperfecto de indicativo e talvez de pretérito mais-que-perfeito de indicativo. Os verbos possuían aínda vários participios, un para cada combinación de modo e tempo, assin quanto também un conxunto de formas deverbais e adjectivais.

—	Atem. (Buck)	Atem. (Beekes)	Tem. (Buck)	Tem. (Beekes)
1 sing.	*-mi	*-mi	*-o:	*-oH
2 sing.	*-si,	*-si,	*-esi	*-eh ₁ i
3 sing.	*-ti	*-ti	*-eti	*-e
1 pl.	*-mos/mes	*-mes	*-omos/omes	*-omom
2 pl.	*-te	*-th ₁ e	*-ete	*-eth ₁ e
3 pl.	*-nti	*-nti	*-onti	*-o

Table 3: Afixos verbais do PIE (Beeks (1995), Buck (1933)).

5 Línguas indoeuropeias

5.1 Línguas anatólias

Este grupo de línguas extintas, faladas outrora na Ásia Menor, pertence ao Indo-Hitita, considerado como o PIE médio, que poderia datar de mediados do IV milénio. Com vocábulos atestados no assírio antigo datando do s.XIX ac e com textos hititas datando do s.XVI ac, esta rama do indoeuropeu é a primeira atestada. As principais línguas anatólias son a hitita (atestada desde 1600 ac até 1100 ac), o luwiano (língua semelhante ao hitita, falada en terras vizinhas e atestada en escritos cuneiformes e en hieróglifos sobre rochas, carimbos, etc.), o lício, falado na Lícia na Era do Ferro e extinto por volta do ano 100 ac), o cariano ou cário (atestado fragmentariamente en grafitos de mercenários en Egipto desde aproximadamente o s.VII ac e extinta por volta do s.III ac), as línguas panfilienses (psidiano e sidético, falados na antiga Panfília), o palaico (falado na Anatólia e extinto por volta do s.XIII ac), o lídio (falado na Lícia e extinto por volta do s.I ac), o licaone, o isauro, etc.

5.2 Línguas helénicas

Atestado desde finais do s.XV e inícios do s.XIV ac no grego micénico e con a tradición homérica desde o s. VIII ac, este grupo é o segundo con registros mais antigos. As suas línguas principais son o grego e o macedónio.

5.2.1 O grego

O grego inclui o jónico-ático (grego moderno comun, grego chipriota, grego pónico, grego capadócio, greco-romano, etc.), o grego eólico (extinto); o grego arcado-chipriota, o panfílio; o micenense; o dórico (tsakonian), etc.),

5.2.2 O macedónio

O macedónio, falado na antiga Macedónia durante o I milénio ac e extinto provavelmente durante o s.IV ac é pouco conhecido e os seus registros son escasos e fragmentários.

5.3 Línguas indo-iranianas

Derivadas do proto-indo-iraniano que poderia datar do III milénio ac, as principais línguas deste subgrupo son as seguintes:

5.3.1 Iraniano

O iraniano, atestado desde ca.1000 ac (avéstico) e epigraficamente desde 520 ac (persa antigo) (inscripçon de *Behistun*) inclui as línguas orientais (avéstico, escítio (Scythian), sogdiano, báltico, pashto, pamiri, etc.) e occidentais (persa antigo, persa médio e persa moderno, tadjik, dari, tati; dari, balochi, gilaki, curdo, mazanadarani, parthian, talysh, deilami, zazaki, etc.).

5.3.2 Indo-ariano

o indo-ariano ou índico, atestado desde finais do s.XV ou princípios de s.XIV ac nos textos de Mitanni (que apresentam alguns traços do indo-ariano) e epigráficamente desde o s.III ac nos *Edictos de Ashoka*, inclui, alén do sânscrito védico (língua usada nos textos antigos conservados que constitui o código fundacional do hinduísmo (Vedas); considera-se que o *Rigveda* preserva, por via da tradição oral, mostras do II milénio ac sob a forma de sânscrito védico), o sânscrito e o pali, as línguas centrais (industani (hindi e urdo) e romani), as línguas orientais (angica, assamês, bengali, bhojpuri, magari, maithili, oriá), as línguas septentrionais (nepali, dárdico (pashabi, gawarbati, dameli, shumashiti, nangalami, etc.), punjabi, sindi, khojki, kutchi, rajastani), as línguas meridionais (dhivehi, sinhala) e as línguas occidentais (marata, konkani, gujarati).

5.3.3 Línguas nuristanas

As línguas nuristanas incluem o ashkunu (askun), o kamkata-viri (bashgali), o vasi-vari (prasuni), o tregami e o kalasha-ala (waigali).

5.4 Línguas itálicas

Atestado desde o s.VII ac, este grupo está composto polo latín (de que erroneamente se consideran derivadas várias línguas mal denominadas románicas), o úmbrio ou úmbrico, o osco, o falisco, etc.

5.5 Línguas celtas

Este grupo, atestado desde o s.VI ac nas inscrições gaulesas, e desde antes s.VIII dc nos antigos manuscritos irlandeses, falado no I milénio ac en vastas áreas do território europeu (que se estendia desde o Mar do Norte, polo Rin, o Danúbio, o Mar Negro e a Península balcánica) assim quanto en Ásia (Galácia), compreende, entre outras, o gaulês (gaulês, gaulês ibérico?¹, pónico, nórico e gálata), o goidélico (irlandês, escocês, manês, etc.), o britónico (galês, breton, córnico, cúmbrico, etc.), o picto, etc.

5.6 Línguas germánicas

Con as inscrições rúnicas que datan do s.II ac, con os primeiros textos (en gótico) que datan do s.IV dc e con manuscritos (en inglés antigo) que datan do s.VIII dc, estas línguas, derivadas do proto-germánico, incluem as línguas germánicas orientais, as línguas germánicas occidentais e as línguas germánicas septentrionais:

5.6.1 Línguas germánicas orientais

As línguas germánicas occidentais, já estintas, incluem o gótico, conhecida polo *Codex Argenteus*, o burgúndio, o vândalo, o lombardo, etc.

5.6.2 Línguas germánicas ocidentais

As línguas germánicas ocidentais incluem o alemão comum, o francônio, o bávaro, o luxemburguês, o alemânico, o iídiche; o neerlandês (holandês e flamengo), o africâns; o westfaliano, o eastfaliano, o jutlandês; o frison, o inglês, o escocês (Lowlands), o iola ...

5.6.3 Línguas germánicas septentrionais

As línguas germánicas septentrionais incluem o norueguês, o islandês, o faroense, o norn (extinto); o danês, o sueco, o gutno ...

5.7 Línguas arménias

O armênio, próximo do frígio, aparece registrado em escritos alfabéticos conhecidos desde o s.V dc.

5.8 Línguas tocarianas

Atestadas entre o s.VI e o s.IX ac, as línguas tocarianas, faladas outrora na bacia do Tarim (Ásia Central), atualmente extintas, incluem o tocariano A (tocário oriental, arsi, turfaniano, etc.) e o tocariano B (tocariano ocidental, kucheano, etc.).

5.9 Línguas balto-eslavas

As línguas balto-eslavas, que derivam do proto-balto-eslavo, incluem as línguas eslavas e as línguas bálticas.

5.9.1 Línguas eslavas

Atestadas desde o s.IX dc, ou antes, as línguas eslavas, cuja manifestação literária mais antiga é o antigo eslavo, incluem as línguas eslavas orientais (russo, ucraniano, bielorrusso, etc.), as línguas eslavas ocidentais (checo e eslovaco, sorábio, polaco, pomerânico, silésio e polábico (extinto)) e as línguas eslavas meridionais (sérvio, croata, esloveno e bósnio (subgrupo ocidental) e o búlgaro e o macedônio? (subgrupo oriental)).

5.9.2 Línguas bálticas

Atestadas desde o s.XIV da nossa era e com traços muito antigos atribuídos ao próprio proto-indoeuropeu, as línguas bálticas, faladas principalmente em áreas que se estendem ao este e ao sudeste do Mar Báltico, incluem o báltico ocidental (galíndio, pruso antigo, sudóvio, eskálvio, etc.), atualmente extinto, e o báltico oriental (leton, lituano, curônio (antigo e novo), selônio, etc.).

5.10 Albanês

Atestado desde o s.XV da nossa era, o albanês, falado principalmente em Albânia e no Cossovo, apresenta grandes similitudes com o traco-ilírio e com o messápio.

5.11 Outras línguas

Alén dos dez grupos principais, ben conhecidos e estudados, existem outros grupos, pouco conhecidos e estudados de línguas extintas, ou de línguas vivas classificadas como románicas.

5.11.1 Línguas extintas

Entre as línguas extintas pouco conhecidas anchan-se as línguas ilírias (relacionadas com o messápio e o albanês e faladas na parte ocidental dos Balcãs), o veneto (próximo ao itálico e falado antigamente no Norte da Itália venética e na Eslovênia, entre o delta de Pó e a franja meridional dos Alpes) e o liburno (provavelmente do mesmo grupo que o veneto e falado outrora na Libúrnica, situada entre Ilíria e Dalmácia), o messápio (atestado e conservado numas 300 inscrições datadas desde o s.VI até o s.I ac, outrora falado na Apúlia), o frígio (falado na antiga Frígia e provavelmente próximo ao grego, ao trácio e ao arménio), o panónio (pouco atestado, outrora falado no norte de Macedónia), o trácio (outrora falado na Trácia, provavelmente formando um grupo com o dácio) e o dácio (provavelmente relacionado com ou do mesmo grupo que o trácio e outrora falado na Dácia, actual Romênia), quiçá o macedónio antigo (que se relacionou com o grego, o ilírio, o trácio e o frígio), quiçá o ligur (falado na era pré-romana e romana no noroeste de Itália, no sudeste da França e, segundo alguns autores, no norte da Península Ibérica, quiçá relacionado com o itálico ou o céltico), o lusitano (falado outrora na Lusitânia, entre o Douro e o Tejo, atestado em várias inscrições, poderia pertencer ao mesmo grupo que o galaico), etc.

5.11.2 O galaico

Embora existam poucas inscrições pré-romanas conhecidas no Noroeste peninsular e as poucas que existem ainda non fossen objecto de estudos, excepto em parte as inscrições do lusitano que poderia ser un dialecto do galaico², numerosos topónimos, teónimos³, numerosos vocábulos e muitos outros traços linguísticos, religiosos, míticos, arqueológicos, etc. desta zona, mui semelhantes aos do PIE, parecem mostrar que desde mui cedo se falaram aqui⁴ dialectos do proto-indoeuropeu⁵, actualmente em fase de reconstrução sob a denominação de proto-galego, que mostram que muitas das línguas e dialectos ocidentais da Península Ibérica, tradicionalmente considerados derivados do latim, derivam de feito fundamentalmente do proto-indoeuropeu. Entre as línguas que derivam do proto-galego están o galego (e o português), o espanhol medieval comun (alfonsi) e os dialectos castelãs ocidentais, o astur-leonês, o hispano-americano, o hispano-judeu, etc. Provável variante ou dialecto do proto-galego poderia ser a fala das terras baixas das antigas províncias bascas⁶, com forte influência da fonética do euskera e, depois da romanização, com influências latinas, em que se baseia fundamentalmente o espanhol académico pós-medieval.

5.11.3 Outras línguas atlânticas

Várias línguas ou dialectos, classificados como românicos ou derivados do latim, como o occitano⁷, o catalán, o corso, o sardo, vários dialectos de Itália e da França, etc., poderian derivar fundamentalmente de uma proto-língua indoeuropeia mui próxima ao proto-galego. Por outra parte o galego marítimo (que inclui o pidgin português) amostra relações estreitas con outras línguas marítimas como a língua franca, ós dialectos marítimos mediterrâneos da Itália e da França, os dialectos marítimos franceses do Golfo de Viscaia, os dialectos marítimos irlandeses⁸ e britânicos, os dialectos marítimos flamengos, holandeses, frisons, alemâns, nórdicos, etc., polo que parece provável que todas estas línguas e dialectos, junto con o galaico, formen un grupo que poderia ser reconstruído sob a denominaçon de proto-atlântico, o qual incluiria dous sub-grupos principais, o proto-atlântico propriamente dito e o proto-atlântico marítimo.

6 Concluson

Embora actualmente ainda se desconhece o verdadeiro berce do PIE, parece provável que a sua grande expanson deveu iniciar-se a partir das terras bordejantes ou relativamente próximas do Mar Negro e do Mediterâneo e que esta se pode explicar por un cámbio radical na vida e na forma de produçõn e adquisiçõn de bens básicos. En concreto podemos aventurar que esta expanson está relacionado con a práctica da agricultura, a ganderia, a pesca, etc. como modo de vida sistemática en substituiçõn de outras mais primitivas baseadas fundamentalmente na caça e no pastoreio. Con efeito, podemos imaginar que con este novo modo de vida, descoberto e practicado, quiçá con outros, polos proto-indo-eruropeus, começou a aumentar vertiginosamente a sua povoaçõn, surgindo assin a necessidade de procurar novas terras e novos mares. Podemos também aventurar que esta expanson se produziu de dous modos diferentes, por expanson progressiva ocupando as terras livres mais próximas e por migraçõn (e/ou peregrinaçõn) a terras lonjanas, quer por terra, quer por mar. Por outra parte, parece provável que as diferentes línguas indo-europeas surgiron segundo o mesmo princípio dialectal polo que as línguas acaban divididas en dialectos e os dialectos en subdialectos, etc., por evoluçõn natural e por motivos geográficos, sociais, geraçõnais, etc.

Ainda non se investigou a fondo a possível influênciã da Religion en relaçõn con as migrações indoeuropeias que parecen estar influênciadas polo ciclo solar, por uma parte dirigidas en direcçõn ao nascente (de onde procederian as almas dos vivos) e por outra ao poente (aonde irian a parar as almas dos mortos). A mesma ideia de Peregrinaçõn pudo ter un rol apreciável a este respeito se pensamos na importânciã religiosa, social, económicã, cultural, etc. que tivo o Caminho de Santiago, uma vez cristanizado, na Idade Média. Aliás a própria palavra Santiago poderia ser uma adaptaçõn de *sent-e-ag-o 'carreiro', derivada da base PIE *sent- 'caminho' de que também derivan o gal. *sendeiro*, o cast. *sendero*, o fr. *sentier*, etc.

Tampouco se estudou suficientemente o rol das navegações nestas mesmas migrações quando parece provável que estas desempenharan un papel fundamental e poderian explicar a presênça do indoeuropeu en terras marítimas tan alonjadas do seu possível berce, como poden ser a Galiza, Irlanda, as Ilhas Britânicas, etc., provávelmente en

épocas remotas e talvez anteriores à diferenciação dalguns dos principais grupos dialectais. Parecem apoiar esta hipótese vários dialectos indoeuropeus marítimos como a língua franca e mui especialmente o galego marítimo que apresenta vocábulos e outras características comuns con outros dialectos marítimos do Mediterráneo, do Golfo de Viscaia, do Mar do Norte, etc. e que deixou numerosos traços no hispano-americano. Ao inventário de línguas indo-europeias conhecidas, haverá que adir outras, e nomeadamente algumas daquelas que até agora estavam consideradas como románicas ou derivadas do latín mas que de feito son línguas derivadas fundamentalmente do indo-europeu con un número importante de vocábulos tomados (e adaptados ou derivados) do latín, línguas con léxico híbrido, semelhantes a este respeito ao inglês.

Notes

¹Porventura o celtíbero é apenas uma variedade do indoeuropeu primitivo, próxima ao proto-galego, mas por uma parte con influências de substrato ibérico, e por outra con influências célticas (nalguns casos gaulesas e noutros quizá doutras línguas célticas de celtas que puderon chegar por mar ao sul e ao oeste da Península Ibérica)

²Schmoll considera mesmo o galaico e o lusitano como un idioma único: "... o galaico-lusitano evolucionou até se constituir en idioma independente" (p. 122) (Schmoll (1959))

³A conservação da onomástica pré-romana en geral e dos teónimos en particular nesta zona foi sublinhada por vários autores: "Sólo el Noroeste de la Península, con su tardía y deficiente romanización, conserva los nombres de divinidades. En el resto, esta conservación es excepcional, pues la romanización llevó consigo la identificación de los dioses nacionales o traídos en viejas colonizaciones con los más o menos exactamente correspondientes del panteón greco-romano... En cambio, la floración de divinidades del noroeste, conserva su plena personalidad, con sus mismos nombres, muchas veces nada latinizados (p. 185) (Tovar (1950))

⁴Vários autores aluden à tardia e fragmentária romanização do Noroeste peninsular e à escassa presença romana nesta zona ("O noroeste da Península, área de deficiente e tardia romanização, onde era muito escassa a população romana"(p. 100) (Neto (da Silva)) e à forte resitência dos habitantes galaicos à colonização ("Do Tejo para cima os povos pre-romanos dividiam-se em tribos esparsas, que ora se digladiavam ferozmente, ora se uniam em vista de perigo comum. Não estavam, pois, em condições de beneficiar-se com a organização romana. Limitaram-se os conquistadores, quando finalmente os submeteram, a estabelecer uma administração geral, respeitando os quadros etnográficos pre-existentes" (p. 103) (Neto (da Silva))

⁵Autores como A. Tovar reconhecen explicitamente que o Noroeste pertence ao domínio indoeuropeu: "Results which may be considered definitive are: the attribution of the northwestern half of the peninsula to the Indo-European world and the survival of the pre-Indo-European languages and peoples in the whole of the East and South, from the Basque country to Almería and Lisbon, although with very important penetrations of Indo-European elements" (p. 337) (Tovar (1954a))

⁶Baldinger nota a este respeito: "La prolongada repercusión de los influjos prerromanos queda, pues, determinada, y ello no sólo en el Noroeste, sino a lo largo de toda la cadena montañosa del Norte hasta la aún hoy no romanizada área vasca y la Gascuña, que debe precisamente su singular posición dentro de la Galorromania a esta circunstancia" (Baldinger (19)) (v. también Baldinger (1959))

⁷Destes merecen especial atençon os dialectos aquitanenses, como mostraron vários autores (Baldinger (19))

⁸Mas a relação do proto-galego con o irlandês e outras línguas e dialectos célticos insulares vai mais alén destas características marítimas e poderia estar relacionada, alén de con a provável presença céltica na Galiza, con uma cultura pré-céltica comuna a Galiza, a Irlanda e a outros países célticos insulares, evocada en lendas e outras tradições populares e plasmada en numerosos traços arqueológicos.

References

- Kurt Baldinger. El gallego portugués y sus relaciones de substrato con la aquitania, 19. URL <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/baldinger.pdf>.
- Kurt Baldinger. La position du gascon entre la galloromania et l'ibéroromania. *RLiR*, 22:241–292, 1959.
- Kurt Baldinger. *La Formación de los dominios lingüísticos en la península Ibérica (trad. de Emilio Lledó y Monserrat Macau)*. Gredos, Madrid, 1963.
- Robert S.P. Beeks. *Comparative Indo-European Linguistics: An Introduction*. John Benjamins, Amsterdam, 1995.
- Emile Benveniste. *Origines de la formation des noms en indo-européen*. Paris: Maisonneuve, 1935.
- K. Brugmann. *Grundriß der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen (2^a ed.)*. Strasbourg, 1916.
- Karl. Brugmann. *A Comparative Grammar of the Indo-Germanic Languages. (5 vol. 2nd reprint 1972)*. Varanasi, India: Chowkhamba, 1888.
- C.D. Buck. *Comparative Grammar of Greek and Latin*. University of Chicago Press, Chicago., 1933.
- James Clackson. *Indo-European Linguistics: An Introduction (Cambridge Textbooks in Linguistics)*. Cambridge University Press, Cambridge, 2007.
- J. Corominas. New information on hispano-celtic from the spanish etymological dictionary. *ZCPHil*, 25:30–58, 1956.
- J. Corominas. *Tópica Hespérica: Estudio sobre los antiguos dialectos, el substrato y la toponimia romances (2 tomos)*. Editorial Gredos, S.A. Madrid, 1972.
- P Cuadrado. Il vocabolario celtico-francese. 2004. URL <http://www.melegnano.net/celti/vocfrancel00.htm>.
- García de Diego. *El catalán, habla hispánica pirenaica*.
- A. Ernout and A. Meillet. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Klincksieck, 1932a.
- A. Ernout and A. Meillet. *Dictionnaire étymologique de la langue latine. Histoire de mots, 4a ed. corr. y aumen. por J. André, París 1985*. Klincksieck, Paris, 1932b.
- A. Ernout and A. Meillet. *Morphologie historique du latin*. Paris, Klincksieck, 1964.
- D. Simon Evans. *A Grammar of Middle Welsh*. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1964.

- Paul Friedrich. *Proto-Indo-European trees*. Chicago: University of Chicago Press., 1970.
- T. V. Gamkrelidze and I. Vjačeslav V. *Indo-European and the Indo-Europeans*. Mouton de Gruyter, Berlin, 1995.
- M. Gimbutas. The indo-europeans: Archaeological problems. *American Antropologist*, LXV, 1963.
- D.B. Gregor. *Celtic: A Comparative Study*. Oleander Press: Cambridge and New York, 1980.
- R. A. Haadsma and G. Nuchelmans. *Précis de Latin Vulgaire*. Groningen, J. B. Wolters., 1963.
- Vyacheslav V. Ivanov and Thomas Gamkrelidze. The early history of indo-european languages. *Scientific American*, 262, n° 3:110–116, March, 1990.
- Gerhard Köbler. *Gotisches wörterbuch*, (2. auflage). 1989.
- Gerhard Köbler. *Deutsches etymologisches wörterbuch*. 1995. URL <http://www.koeblergerhard.de/derwbhin.html>.
- Gerhard Köbler. *Indogermanisches wörterbuch* (3. auflage) 2000. 2000. URL <http://www.koeblergerhard.de/idgwbhin.html>.
- Gerhard Köbler. *Germanisches wörterbuch*, (3. auflage). 2003. URL <http://www.koeblergerhard.de/germwbhinw.html>.
- Brett Kessler. Computational dialectology in irish gaelic. In *Proceedings of the seventh conference on European chapter of the Association for Computational Linguistics*, pages 60–66, San Francisco, CA, USA, 1995. Morgan Kaufmann Publishers Inc.
- Winfred P. Lehmann. *Proto-Indo-European Phonology*. Austin, Texas: University of Texas Press and Linguistic Society of America, 1955.
- Winfred P. Lehmann. *Proto-Indo-European Syntax*. Austin, Texas and London: University of Texas Press, 1974.
- Alexander MacBain. *An Etymological Dictionary of the Gaelic Language*. Gairm Publications, 1982.
- James P. Mallory and Douglas Q. Adams. *The Oxford Introduction to Proto-Indo-European and the Proto-Indo-European World*. Oxford University Press, Oxford [u.a.], 2006. ISBN 0-19-929668-5. URL <http://indologica.blogg.de/eintrag.php?id=807>.
- J.P. Mallory. *In search of the Indo-Europeans: language, archaeology and myth*. Thames and Hudson, London, 1989.
- R. Matasovic. An etymological lexicon of proto-celtic (in progress). URL <http://www.indo-european.nl/>.

- Kim McCone. *Towards a Relative Chronology of Ancient and Medieval Celtic Sound Change*. Maynooth: Department of Old and Middle Irish, St. Patrick's College., 1996.
- Michael Meier-Brügger. *Indo-European Linguistics*. de Gruyter, N.Y., 2003.
- A. & J. Vendryes Meillet. *Traité de grammaire comparée des langues classiques*. Paris, 1924.
- Antoine Meillet. *Introduction a l'étude comparative des langues indo-europeennes*. Librairie Hachette, Paris, 1912. Troisième édition corrigée et augmentée.
- S. Neto (da Silva). *História da Língua Portuguesa (3ª ed.)*. Rio de Janeiro, 1979.
- Fran Paxeco. *Portugal não é ibérico*. Lisboa, 1932.
- Holger Pedersen. *Vergleichende Grammatik der keltischen Sprachen (2 vols.)*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1909-1913.
- Julius Pokorny. *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch (2 vols.)*. Francke Verlag, 1959.
- A.F. Pott. *Beiträge der Halleschen Tagung anlässlich des zweihundertsten Geburtstages von August Friedrich Pott (1802-1887)*. Hallesche Sprach- und Textforschung; 9. Peter Lang, Frankfurt am Main; Berlin; Bern [u.a.], 2006. ISBN 3-631-50530-2. URL <http://indologica.blogg.de/eintrag.php?id=796>.
- Domingos Prieto Alonso. Proto-indoeuropeu [en construçõn], December 2009. URL <http://domingospreto.agilityhoster.com/>.
- E. Rossoni. Il vocabolario celtico. 2000. URL <http://www.melegnano.net/spie0006e0.htm>.
- Paul Russel. *An Introduction to the Celtic Languages*. Longman: London and New York, 1995.
- F. de Saussure. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-europeennes*. Paris: Maisonneuve, 1878.
- Ulrich Schmall. *Die Sprachen der vorkeltischen Indogermanen Hispaniens und das Keltiberische*. Wiesbaden, 1959.
- Peter Schrijver. *Studies in British Celtic Historical Phonology*. Amsterdam: Rodopi, 1995.
- W. Stokes and A. Bezzemberger. Urkeltischer sprachschatz. In A. Fick, editor, *Vergleichendes Wörterbuch der indogermanischen Sprachen*. Göttingen, 1894.
- Whitley Stokes. *Three Irish Glossaries*. London, 1862.

- Rudolf Thurneysen. *A Grammar of Old Irish*. Dublin: The Dublin Institute for Advanced Studies, 1970.
- Rudolf. Thurneysen. *Gesammelte Schriften, i-iii*. Niemeyer, Tübingen, 1991.
- A. Tovar. *Estudios sobre las primitivas lenguas hispánicas, Buenos Aires 1949*. Buenos Aires, 1949.
- A. Tovar. Linguistics and prehistory. *Word*, 10:333–350, 1954a.
- A. Tovar. Numerales indoeuropeos en hispania. *Zephyrus*, 5:17–22, 1954b.
- A. Tovar. *Cantabria prerromana*. Madrid, 1955.
- A. Tovar. *The ancient Languages of Spain and Portugal*. New York, 1961.
- A. & J.M. Navascués (de) Tovar. Algunas consideraciones sobre los nombres de divinidades del oeste peninsular,. *BF*, II:178–191, 1950.
- F. Villar. *Los indoeuropeos y los ortgenes de Europa*. Madrid, 1996.
- Veikko Väänänen. *Introduction au Latin Vulgaire (3^a ed., revista e aumentada)*. Paris, Editions Klincksieck, 1981.
- V. Ivanov Vyacheslav. Comparative notes on hurro-urartian, northern caucasian and indo-european*. URL http://www.humnet.ucla.edu/pies/pdfs/IESV/1/VVI_Horse.pdf.
- Calvert Watkins. Indo-european roots. In William (ed.) Morris, editor, *The American Heritage Dictionary of the English Language*, pages 1505–1550. Boston: Houghton Mifflin Company, 1976a.
- Calvert Watkins. Indo- european and the indo-europeans. In William (ed.) Morris, editor, *The American Heritage Dictionary of the English Language*, pages 1496–1502. Boston: Houghton Mifflin Company, 1976b.
- J. Whatmough. *The dialects of Ancient Gaul*. Cambridge, 1970.
- William Dwight Whitney. *Sanskrit Grammar*. Harvard University Press, Dover, US, 1889.
- E. Windisch and W. Stokes. *Irische Texte*. Leipzig, 1880.